

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o

s

e

s

p

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo

Temporada 2025

6 de abril

6 DE ABRIL

Estação CCR das artes

Septeto 1913

Amanda Martins VIOLINO

Matthew Thorpe VIOLINO

Sarah Pires VIOLA

André Rodrigues VIOLA

Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO

Adriana Holtz VIOLONCELO

Pedro Gadelha CONTRABAIXO

RICHARD WAGNER [1813-1883]

Tristão e Isolda: Prelúdio [1857-1859]

11 MINUTOS

Flávia Kele SOPRANO

Cristiane Minczuk MEZZO SOPRANO

Anderson Sousa TENOR

Erick Souza BARÍTONO

Israel Mascarenhas PIANO

Maria Emília Moura Campos PIANO

JOHANNES BRAHMS [1833-1897]

Liebeslieder Wälzer [VALSAS DE CANÇÕES DE AMOR], *Op. 52*

[Arranjo de Friedrich HERMANN] [1868-1869]

25 MINUTOS

Septeto 1913

RICHARD STRAUSS [1864-1949]

Metamorphosen [METAMORFOSES] [1945]

26 MINUTOS



Ludwig e Malwine Schnorr von Carolsfeld como Tristão e Isolda na estreia mundial da ópera, em 1865.

RICHARD WAGNER

LEIPZIG, ALEMANHA, 1813 – VENEZA, ITÁLIA, 1883

Tristão e Isolda: Prelúdio [1857-1859]

A lenda medieval que narra o amor impossível entre Tristão e Isolda adquire contornos filosóficos e românticos na ópera de Richard Wagner. Composta na década de 1850, a obra reflete a conturbada vida amorosa do compositor e é intensificada pela leitura de Schopenhauer, que defendia a arte musical não como “cópia da manifestação da vontade, mas cópia direta da própria vontade”. A intensidade erótica dessa “vontade”, que levará Isolda a “morrer de amor” no longo êxtase que encerra a ópera, já está presente em seu famoso “Prelúdio”, uma das peças mais importantes da história da música.

A composição é um bom exemplo da “música do futuro” ambicionada por Wagner, que retorna ao passado para justificar suas revolucionárias rupturas com as tradições artísticas de sua época. A forma e o conteúdo do libreto, um longo poema dramático escrito pelo próprio Wagner, servem como pretexto para a criação de um mosaico de “melodias infinitas”. No fluxo contínuo que destrói as tradicionais divisões do gênero, tudo agora deve estar interligado: as melodias, recuperando “motivos condutores” [*Leitmotive*] que simbolizam personagens e sentimentos, anseiam por inesperados desenvolvimentos e transfigurações.

Wagner manifesta musicalmente, desde o prelúdio, as tensões geradas por essa paixão proibida, expondo o encontro de diversas linhas melódicas em uma instável harmonia em suspensão, resolvida apenas nos últimos compassos da longa ópera. O “Prelúdio” desenvolve o famoso “acorde de Tristão” (Fá, Si, Ré sustenido, Sol sustenido), de expressão extremamente complexa, pois a menor modificação em uma de suas vozes gera uma quase-resolução, alterando sua função harmônica e projetando-o em outro plano tonal.

Na verdade, quase não se pode mais falar em tonalidade no sentido estrito da palavra, pois Wagner cria uma espécie de modulação contínua, baseada em pequenos passos cromáticos, refletindo a potência das “vontades” que movem e comovem os dois protagonistas. Assumindo uma forma surpreendente, este prelúdio prepara os nossos ouvidos para ouvir uma música que, como escreveu Bruno Walter a Thomas Mann, “já quase não é mais música”.

Jorge de Almeida

DOUTOR EM FILOSOFIA E PROFESSOR DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA NA USP. TRADUTOR E CRÍTICO, É PROFESSOR CONVIDADO DA ACADEMIA DE MÚSICA DA OSESP.

JOHANNES BRAHMS

HAMBURGO, ALEMANHA, 1833 – VIENA, ÁUSTRIA, 1897

Liebeslieder Wälzer, Op. 52

[VALSAS DE CANÇÕES DE AMOR] [1868-1869]

Compostas entre 1868 e 1869, essas valsas testemunham os primeiros anos do amor de Brahms por Viena, cidade que o acolheu, em 1863, como diretor de seu principal coro. O ciclo é inspirado em obras de dois austríacos ilustres: as valsas populares de Franz Schubert (publicadas postumamente em edição organizada pelo próprio Brahms) e as grandiosas (e por vezes irônicas) valsas aristocráticas de Johann Strauss.

As diversas peças breves, compostas sobre poemas populares traduzidos por Georg Daumer, buscam expressar os mais variados aspectos da experiência amorosa – encontros e desencontros, fidelidade e traição, alegria e tristeza –, com melodias e metáforas repletas de ironia e romantismo. O ritmo ternário que caracteriza a valsa é frequentemente reduzido e alongado, insinuado ou explicitado, tornando essas canções (compostas originalmente para quatro solistas ou coro, com acompanhamento de piano a quatro mãos) um verdadeiro compêndio das possibilidades expressivas do gênero.

Os biógrafos, sempre atordoados com a discreta e complexa vida amorosa de Brahms, atribuem a inspiração da obra ao interesse – não inteiramente correspondido – do compositor por Julie, filha de Robert e Clara Schumann, casal também admirado pelo jovem músico. De qualquer forma, podemos estar certos de que o amor cantado nessas valsas apaixonadas traduz perfeitamente os belos versos de um dos poemas do ciclo: “Viver sem a doçura do amor / É uma amargura que não quero suportar”.

Jorge de Almeida

RICHARD STRAUSS

MUNIQUE, ALEMANHA, 1864 – GARMISCH-PARTENKIRCHEN, ALEMANHA, 1949

Metamorphosen [METAMORFOSES] [1945]

Na primeira metade de 1945, pouco antes do final da Segunda Guerra Mundial, bombas incendiárias lançadas por esquadrilhas inglesas e americanas arrasaram as cidades de Dresden, Munique e Viena, matando milhares de civis e transformando em ruínas importantes igrejas, museus, teatros e casas de ópera. Esses eventos abalaram profundamente Richard Strauss, que se lançou na composição de um longo adágio para cordas, de sonoridade trágica e elegíaca, para lamentar a destruição, pela “insensatez da guerra”, do legado comum de “mais de três mil anos de desenvolvimento da cultura europeia”.



Theodor Rosenhauer [1901-1996], em meio às ruínas de Dresden, pinta seu quadro *Vista do palácio japonês após o bombardeio*.

A obra, finalmente intitulada *Metamorphosen* [Metamorfozes], foi construída em torno de citações da marcha fúnebre da *Sinfonia eroica* de Beethoven, além de evocar outros motivos de Bach, Mozart, Beethoven e Wagner; como se a longa tradição musical germânica, símbolo da “unidade espiritual” de um povo sempre dividido politicamente, lamentasse seu destino e clamasse pela possibilidade de uma redenção futura. Não por acaso, o título remete também à orgulhosa herança clássica germânica reivindicada por Goethe em seus poemas sobre as metamorfoses poéticas de Lucrécio e Ovídio.

O complexo tecido sonoro da obra, confiado originalmente a 23 instrumentos solistas – e depois arranjado para 11 ou sete instrumentos de corda –, é elaborado com frases cromáticas e intervalos aumentados, além de suspensões harmônicas, imitações motivicas e vários outros procedimentos da retórica musical desenvolvida por Strauss em sua longa carreira como regente e compositor. Pensado como um testamento pessoal e coletivo, a obra relembra o poema sinfônico *Morte e transfiguração*, composto entre 1888 e 1889. As ideias de metamorfose e transfiguração, embaralhando os limites entre criação e destruição, vida e morte, aparecem também em várias de suas principais óperas, assim como nas meditativas *Quatro últimas canções*.

O amplo arco de emoções, baseado em uma sequência de variações entrelaçadas, termina com uma recapitulação condensada dos temas principais. Os últimos compassos desse comovente adágio evocam novamente a marcha fúnebre, acompanhada do texto “In memoriam”. Nas páginas do manuscrito da partitura, Strauss copiou alguns trechos de um poema de Goethe: “Mas o que está acontecendo no mundo / Ninguém na verdade compreende bem. / E mesmo ainda nos dias de hoje / Ninguém realmente deseja compreender”.

Jorge de Almeida



Septeto 1913

Amanda Martins VIOLINO

Iniciou seus estudos musicais aos 12 anos nos Estados Unidos. Ao regressar ao Brasil, aperfeiçoou-se com Elisa Fukuda. Formou-se na Universidade Mozarteum de Salzburgo, na Áustria, onde atuou como camerista junto à Salzburg Chamber Soloists e à Camerata Salzburg. Foi concertino da Sinfônica Municipal de São Paulo. Violinista da Osesp desde 2013 e chefe de naipe dos Segundos Violinos desde 2024, é também membro do Percorso Ensemble.

Matthew Thorpe VIOLINO

Antes de se juntar à Osesp em 1998, foi membro da orquestra da Ópera de Pittsburgh, das Sinfônicas da Galícia e de Tenerife e da Filarmônica de Erie. Foi bolsista da Sinfônica Jovem de Pittsburgh, da qual foi *spalla*, da New World Symphony e do Festival dei Due Mondi, na Itália. Dentre os prêmios que recebeu, está a Silberman Chamber Music Competition. É também diretor da São Paulo Chamber Soloists.

Sarah Pires VIOLA

Membro da Osesp desde 2015, fez mestrado pela Escola Superior de Música e Dança de Colônia. Integrou a Jeunesses Musicales World Orchestra, a Nova Filarmônica de Vestfália, a Orquestra Experimental de Repertório e a Camerata Fukuda. Como solista, esteve à frente da Cantilena Ensemble e da Orquestra do Conservatório de Colônia. Atualmente, integra também o Art String Quartet.

André Rodrigues VIOLA

Integrante da Osesp desde 2022, fez parte da Orquestra de Câmara da ECA-USP, da Sinfônica de Santo André, da Filarmônica Carlos Gomes e da Sinfônica Brasileira. Participou de diversos festivais, como o de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora e de Música de Prados. Foi integrante da Academia de Música da Osesp.

Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO

Antes de se juntar à Osesp em 2024, o dinamarquês foi membro da Orquestra de Câmara da Europa e violoncelista principal da Orquestra Real Dinamarquesa. Desde sua estreia em 1986, tem sido solista com todas as principais orquestras de seu país e conquistou uma série de prêmios, como o Concurso Cassadó em Florença, Itália. Suas gravações incluem obras de Britten, Fauré, Brahms, Hartmann, Strauss, Prokofiev e Schnittke.

Adriana Holtz VIOLONCELO

Antes de ingressar na Osesp em 1997, tocou com a Orquestra Experimental de Repertório, a Camerata Fukuda, a Brasil Jazz Sinfônica, dentre outras. Entusiasta da música de câmara, integra o Trio Puelli, o Duo Giardini e o Percorso Ensemble. Sua ampla produção discográfica abrange a integral das obras para piano, violino e violoncelo de Radamés Gnattali (Selo Sesc, 2018) e *Galante*, junto ao Duo Giardini (Azul Music, 2024).

Pedro Gadelha CONTRABAIXO

Solista da Osesp desde 2008, atua como professor da Academia de Música dessa instituição e da EMESP Tom Jobim. Bolsista da Fundação Vitae, aperfeiçoou-se na Academia Karajan da Filarmônica de Berlim. Foi membro da Sinfônica do Recife, da Orquestra Experimental de Repertório, das orquestras da Casa de Ópera e do Museu de Frankfurt, além de ter sido convidado pelas Sinfônicas Alemã de Berlim, WDR de Colônia, da Rádio de Stuttgart e da Rádio de Frankfurt.



Flávia Kele SOPRANO

Formou-se em canto pela EMESP Tom Jobim em 2006. Integrou o Madrigal Umesp, da Universidade Metodista de São Paulo, o Coral Jovem do Estado de São Paulo, a UNIOPERA – Associação Coral da Cidade de São Paulo e a Orquestra Acadêmica de São Paulo. Membro do Coro da Osesp desde 2005, é detentora do 1º lugar no Concurso de Música de Câmara Tom Jobim de 2005.

Cristiane Minczuk MEZZO SOPRANO

Faz parte do Coro da Osesp desde 1995. Realizou sua formação na Universidade Livre de Música, hoje EMESP Tom Jobim, e na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Foi a representante do Brasil na turnê da Fundação Bachakademie de Stuttgart, em 1996, por países como Alemanha, Estônia, Noruega, Polônia e Suécia. Bolsista da Fundação Vitae, integrou o Grupo Vox. Foi solista no álbum *Aylton Escobar: Obras para coro* (Selo Digital Osesp, 2013).

Anderson Sousa TENOR

Formou-se em canto lírico pela EMESP Tom Jobim. Sua experiência coral abrange o Madrigal Umesp, grupo coral da Universidade Metodista de São Paulo, o Coral Jovem do Estado de São Paulo e a UNIOPERA – Associação Coral da Cidade de São Paulo. Em 2006, conquistou o 1º lugar no Concurso de Música de Câmara da EMESP e participou do projeto ópera-estúdio do Festival Música nas Montanhas. É membro do Coro da Osesp desde 2007.

Erick Souza BARÍTONO

É egresso da EMESP Tom Jobim e da Academia de Ópera do Theatro São Pedro. Como solista, atuou com a Bachiana Filarmônica do Sesi-SP e com a Sinfônica da USP. Antes de ingressar no Coro da Osesp em 2008, atuou no Coro Jovem da Escola Municipal de Música de São Paulo e no Coral Jovem do Estado de São Paulo. Foi premiado nas 14ª, 15ª e 16ª edições do Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas.

Israel Mascarenhas BAIXO

Foi aluno de Walter Novaes e Helena Starzynski, no Coral USP, de Israel Menezes, professor do Conservatório Brasileiro de Música, e Jésus Figueiredo, maestro titular do Coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Desde 2004, está sob orientação vocal do tenor e regente Marcos Thadeu. Foi pianista do Coral Jovem do Estado de São Paulo e é cravista da Orquestra de Câmara Ópera XVIII. Integra o grupo de câmara Americantiga e o coro Audi Coelum.

Maria Emília Moura Campos PIANO

É docente da EMESP Tom Jobim e pianista correpetidora da Escola Municipal de Música de São Paulo. Foi pianista do Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo e professora do Conservatório Municipal de Guarulhos. Recebeu os prêmios de melhor pianista acompanhadora do 3º Concurso para Instrumentos de Cordas da Pró-Música de Juiz de Fora e do 4º Concurso “A Canção Brasileira”, realizado pelo Centro de Música Brasileira de São Paulo.

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR

Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO

Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Marcelo Henrique Assis

CHEFE DE GABINETE

Daniel Scheiblich Rodrigues

COORDENADORA DAS UNIDADES DE FORMAÇÃO

CULTURAL E DIFUSÃO, BIBLIOTECAS E LEITURA

Adriane Freitag David

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO

DOS CONTRATOS DE GESTÃO

Marina Sequetto Pereira

COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Mariana de Souza Rolim

COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO

E ECONOMIA CRIATIVA

Liana Crocco

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA

Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Pedro Pullen Parente PRESIDENTE

Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Claudia Nascimento

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatiana Vasconcelos Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO

Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO

Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL

Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE COMUNICAÇÃO

E MARKETING

Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:

[HTTPS://FUNDACAO-OSESP.ART.BR/FOESP/PT/SOBRE](https://fundacao-osesp.art.br/foesp/pt/sobre)



Estação CCR das Artes: um novo espaço cultural em São Paulo

Inaugurada em 25 de janeiro de 2025, a Estação CCR das Artes, localizada no Complexo Cultural Júlio Prestes, é um novo espaço que amplia a oferta cultural no centro histórico da cidade de São Paulo.

Gerida pela Fundação Osesp em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, e com patrocínio institucional do Grupo CCR, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, a estação foi transformada em sala de espetáculos mantendo sua identidade histórica.

O projeto arquitetônico preserva a essência do prédio ferroviário e incorpora estruturas móveis para maior flexibilidade. O espaço receberá música, teatro, dança e eventos educativos, conectando história e modernidade para o público paulistano.



Saiba mais sobre a programação
da Estação CCR das Artes:



Estação CCR
das Artes

O novo
ponto de
embarque para
arte e cultura
na cidade.



Confira a programação
em salasapaulo.art.br



PATROCÍNIO
INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Próximos concertos

13 DE ABRIL

Estação CCR das Artes

Sonia Rubinsky PIANO

Obras de Wolfgang Amadeus Mozart, Ludwig Van Beethoven, Claude Debussy, Heitor Villa-Lobos, Fritz Kreisler e Sergei Rachmaninov.

17, 18 E 19 DE ABRIL

Sala São Paulo

Coro da Osesp Orquestra Acadêmica da Osesp

Kathy Romey REGENTE

Jabez Lima TENOR

Sabah Teixeira BARÍTONO

Norbert Steidl BARÍTONO

Marisú Pavon SOPRANO

Clarissa Cabral MEZZO SOPRANO

Páscoa na Sala São Paulo:

*Paixão segundo São João,
de Johann Sebastian Bach.*



Agenda completa e ingressos

Serviços

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.

WWW.OSESP.ART.BR

@OESP_

/OESP

/VIDEOSOESP

/@OESP

ESCUTE A OSESP

SPOTIFY

APPLE MUSIC

DEEZER

AMAZON MUSIC

IDAGIO

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR

@SALASAOPAULO_

/SALASAOPAULO

/SALASAOPAULODIGITAL

/@SALASAOPAULO

WWW.FUNDACAO-OSESP.ART.BR

/COMPANY/FUNDACAO-OSESP/



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/servicos

Créditos de Livreto

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

MARIANA GARCIA

SUPERVISORA DE PUBLICAÇÕES

JESSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS

BERNARD BATISTA

BERNARDO CINTRA

ANA CLARA BRAIT

REVISÃO CRÍTICA DAS NOTAS: IGOR REIS REYNER

P. 4 LUDWIG E MALWINE SCHNORR VON CAROLSFELD COMO TRISTÃO E ISOLDA NA ESTREIA MUNDIAL DA ÓPERA, EM 1865. DOMÍNIO PÚBLICO

P. 8 THEODOR ROSENHAUER [1901-1996], EM MEIO ÀS RUÍNAS DE DRESDEN, PINTA SEU QUADRO VISTA DO PALÁCIO JAPONÊS APÓS O BORBARDEIO. © DEUTSCHE FOTOTHEK / PICTURE ALLIANCE / US ARMY ARCHIVES

P. 10 SEPTETO 1913: AMANDA MARTINS, MATTEW THORPE, SARAH PIRES, ANDRÉ RODRIGUES, KIM BAK DINITZEN, ADRIANA HOLTZ E PEDRO GADELHA. © MARIO DALOIA

P. 12 FLÁVIA KELE, CRISTIANE MINCZUK, ANDERSON SOUSA, ERICK SOUZA, ISRAEL MASCARENHAS E MARIA EMÍLIA MOURA CAMPOS.. © MARIO DALOIA

Na identidade visual da Osesp, cada cor da paleta leva o nome de um sentimento. Nesta capa, usamos Melancolia inspirada pela *Metamorphosen* de Richard Strauss.

COMUNICAÇÃO FUNDAÇÃO OSESP, 2025



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC: 245467